

Construindo o Eu: *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, e a construção da identidade por meio da literatura

Constructing the I: The Yellow Bag, by Lygia Bojunga, and the construction of identity through literature

José Ignacio Ribeiro Marinho¹

RESUMO

A construção da identidade esteve presente em muitas discussões sobre a sociedade pós-moderna, marcada pela multiplicidade de papéis os quais os indivíduos assumem e pela sensação de incompletude que a rapidez das tecnologias e inteligência artificial provocam. Durante a infância, a construção do *eu* está diretamente relacionada às interações sociais e experiência vividas, sendo a literatura uma importante aliada neste processo. Neste sentido, este artigo tem por objetivo apresentar como se dá a construção da identidade na infância, tendo como referência o livro de Lygia Bojunga, *A Bolsa Amarela* (1976). Desta maneira, busca-se compreender como ocorre a construção da identidade na sociedade pós-moderna e como a literatura infantojuvenil pode contribuir de forma positiva neste processo. Como apporte teórico, apresentam-se citações de autores como Jacques Lacan, Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Jean-Claude Kaufmann, dentre outros teóricos que discutem o conceito de identidade e sua construção. Além dos conceitos sobre a temática, o texto irá apresentar trechos de *A Bolsa Amarela*, que expõem os conflitos identitários da personagem principal, Raquel, e de tantas outras identidades por ela inventadas ou experimentadas e que fornecem ao leitor referências para a construção de sua própria identidade. Nesta perspectiva, esta comunicação buscou demonstrar como fatores sociais, familiares e de gênero influenciam na construção da identidade de cada indivíduo, e evidencia a importância da literatura infantojuvenil brasileira; ainda que seja uma publicação da década de 1970, permanece tão atual e representativa para a sociedade e para a construção do *eu*.

Palavras-chave: literatura infantil; *A bolsa amarela*; construção da identidade.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora/MG. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura (Literatura Comparada) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/RJ. E-mail: josebrenatti@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7136-8537>.

ABSTRACT

Identity construction has been present in many discussions about postmodern society, marked by the multiplicity of roles individuals assume and the feeling of incompleteness provoked by the rapid pace of technology and artificial intelligence. During childhood, the construction of the self is directly related to social interactions and lived experiences, with literature being an important ally in this process. Therefore, this article aims to present how identity construction occurs in childhood, using Lygia Bojunga's book, *The Yellow Purse* (1976), as a reference. Thus, it seeks to understand how identity construction occurs in postmodern society and how children's and young adult literature can positively contribute to this process. As a theoretical framework, we present quotations from authors such as Jacques Lacan, Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Jean-Claude Kaufmann, among other theorists who discuss the concept of identity and its construction. In addition to the concepts surrounding the theme, the text will present excerpts from "The Yellow Bag," which expose the identity conflicts of the main character, Raquel, and the many other identities she invented or experimented with, providing the reader with references for constructing their own identity. From this perspective, this paper sought to demonstrate how social, familial, and gender factors influence the construction of each individual's identity and highlight the importance of Brazilian children's and young adult literature. Despite being published in the 1970s, it remains as relevant and relevant to society and the construction of the self.

Keywords: children's literature; *The yellow bag*; construction of identity.

1 Introdução

A construção da identidade é um tema bastante discutido na sociedade pós-moderna, gerando questionamentos, como: quem sou eu?, em qual grupo social estou inserido?, qual meu propósito de vida?, como me defino?, dentre outras questões que, devido à velocidade tecnológica e ao desenvolvimento da inteligência artificial, trouxeram ao indivíduo uma sensação de incompletude.

O indivíduo pós-moderno possui uma personalidade com muitas facetas, apropriando-se da multiplicidade. Os avanços tecnológicos trouxeram ainda mais velocidade para o cotidiano, dando novas características à vida, com metas em curto prazo, com uma busca por uma satisfação imediata, e a construção desta identidade pessoal encontra-se cada vez mais individualizada e imediatista.

Na infância, a construção da identidade está diretamente ligada às relações e interações com o meio onde o indivíduo está inserido, e vai sendo moldada ao longo da vida por suas experiências; e a literatura é uma aliada bastante importante para que seja configurado o eu. Nesta perspectiva, faz-se necessário investigar como a literatura infantojuvenil aborda a construção desta identidade, que na atualidade se apresenta com muitas facetas.

A obra escolhida como objeto de discussão é *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, que conta a história de Raquel, uma menina de 10 anos de idade que esconde, em uma bolsa amarela, dentre outras coisas, três grandes desejos: ser adulta, ter nascido menino e se tornar escritora. O livro aborda, de forma lúdica, a necessidade de Raquel em se situar no mundo, adquirir independência e construir sua identidade pessoal, ganhando voz e vivendo a partir de suas escolhas.

O livro de Lygia Bojunga discute, a partir da vida de Raquel, como a criança é capaz de construir sua identidade e como suas vontades e o meio no qual está inserida podem influenciar nesta construção. A obra aborda questões como gênero, liberdade e consciência de pertencimento envoltas pelas expectativas sociais e familiares. A identidade de Raquel, representada pela bolsa amarela, guarda seus segredos e desejos, demonstrando como o meio é capaz de auxiliar e/ou reprimir na construção do eu.

A partir do exposto, julga-se necessário destrinchar a obra, ainda que de forma sucinta, a fim de compreender como a literatura pode representar e influenciar na construção da

identidade na infância e na adolescência, que compreendem momentos de descobertas e de configuração da personalidade individual.

2 A *Bolsa Amarela*: Construindo o Eu

Ao lermos *A Bolsa Amarela*, encontramos uma personagem ainda em construção da sua personalidade, mas que já possui vontades bem definidas e que, devido à época e à sociedade onde está inserida, não pode expressá-las de forma livre. Raquel, uma menina de 10 anos, vê-se em meio a muitas dúvidas sobre o seu eu e como se expressar.

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequeninha, que nem tomar sorvete a toda hora [...] Mas as outras – as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida – ah essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever. Já fiz tudo pra me livrar delas. Adiantou? Hmm! é só me distrair um pouco e uma aparece logo (Bojunga, 1993, p. 11).

O trecho acima expõe as vontades de Raquel e a dificuldade em lidar com elas, em ressignificar esses desejos e reconhecer seu próprio eu, no momento que deseja *ter nascido garoto*. Oliveira (2022) destaca que a identidade é tudo aquilo que configura o eu, englobando os gostos, características pessoais, questões de gênero, classe social, etnia, nacionalidade, sexo, entre outros.

A identidade comprehende tudo aquilo de que gostamos, as nossas características pessoais que envolvem ainda a interação com a sociedade, configurando, portanto, aquilo que construímos a partir das nossas relações. Sua conceituação, da época do Iluminismo até a atualidade, vem sofrendo transformações para atender e se adaptar às necessidades e transformações do indivíduo.

O sujeito, no Iluminismo, era definido como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia em um núcleo interior. Esse núcleo interior era a sua identidade, e aparecia com o seu nascimento, desenvolvendo-se de acordo com o crescimento (Hall, 2003).

Já em uma concepção sociológica clássica, temos a identidade formada por meio da interação entre o eu e a sociedade. O sujeito possui um núcleo, que é chamado de eu real, mas sofre transformações a partir do contato com os mundos culturais exteriores e as identidades

que esses mundos oferecem. A estrutura, com identidade unificada e estável, está se fragmentando ao longo dos anos; passa agora a ser composta de várias identidades, sejam elas contraditórias ou não resolvidas (Hall, 2003).

A este sujeito sem identidade fixa, essencial e permanente, chamamos de sujeito pós-moderno. Um sujeito não possui um eu coerente, que assume identidades diferentes em diferentes momentos. Contemporaneamente, entende-se que a ideia de que o indivíduo possui uma identidade coerente, unificada, completa e segura é uma fantasia, construída por uma história sobre nós mesmos. Trata-se, assim sendo, de uma narrativa do eu (Hall, 2003).

Bauman (2005) acrescenta que a identidade é algo a ser construído e não descoberto; precisa ser construída a partir do zero e, uma vez construída, é necessário “lutar por ela e protegê-la, lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta” (2005, p. 22).

O discurso de Bauman (2005) insiste na afirmação de que as identidades *flutuam no ar*, que algumas são escolhidas e outras incorporadas aos indivíduos, seguindo as identidades de cultura, etnia, gênero, dentre outras que estão enraizadas em suas ancestralidades. Isso nos leva a compreender que, na infância, o indivíduo traz consigo identidades seguindo os padrões sociais; entretanto, estas são negociadas e revogadas a partir das experiências e escolhas de vida.

Em relação à construção da identidade na infância, Hall (2003) aponta que, em uma leitura segundo a teoria de Jacques Lacan, esta não se desenvolve de forma natural, mas a partir da relação com os outros, denominado pelo psicanalista como *a fase do espelho*. O autor destaca que a criança não possui sua identidade finalizada como uma pessoa inteira, mas como uma imagem do que vê no outro ou imagina quando se vê no outro, como se olhasse no espelho. Envolvida por um movimento de construção de identidade, a criança procura no ambiente em que está inserida se reconhecer e se *espelhar* no outro para formar a si.

A criança inicia seu processo de reconhecimento não apenas com seu próprio olhar, mas pelas interações com os indivíduos e com o meio que a cerca. Para Lacan, a identidade é estruturada como a língua, ou seja, carrega vestígios de outras identidades; neste sentido, a identidade na infância é algo a ser construído ao longo do tempo, das experiências, do contato com o outro, com o real e/ou imaginário ou fantasiado sobre o mundo, como em um livro, construindo a cada página uma experiência de vida (Hall, 2003).

A literatura se apresenta como uma das formas mais antigas e universais de expressão da humanidade e desempenha papel fundamental na construção das identidades coletivas e individuais, uma vez que se trata de narrativas repletas de traços da memória cultural da sociedade. Assmann (2011, *apud* Carvalho *et.al.*, 2025, p. 13) descreve a literatura como “um arquivo simbólico que preserva histórias, tradições e experiências de diferentes comunidades ao longo do tempo”, seja ela oral ou escrita. Além de servir como veículo de memória histórica, a literatura pode representar um meio de resistência cultural e social, e ainda uma ferramenta de desenvolvimento de competências críticas e socioemocionais (Carvalho *et.al.*, 2025).

Dentro da narrativa de Lygia (1993), vemos Raquel tentar ocultar sua identidade dentro da bolsa amarela, buscando, em muitos momentos, esconder de sua família e sociedade, seus desejos e vontades, esperando (quem sabe) o momento certo para vivenciá-los.

[...] Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também (p. 12).

[...] – Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher [...] Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode (p. 16).

[...] Chamei o vendedor e pedi pra ele botar o fecho na bolsa.

Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela.

Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona.

O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro. [...] no bolso de botão escondi uns retratos do quintal da minha casa, uns desenhos que eu tinha feito, e umas coisas que eu andava pensando. Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri o outro zíper; escondi fundo minha vontade de escrever; fechei.

No outro bolso de botão espremi a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar).

Pronto! a arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas (Bojunga, 1993, p. 29-30).

A Bolsa Amarela, escrita originalmente em 1976, retrata uma menina que vive em meio aos conflitos e à repressão da ditadura cívico-militar; logo, esconder suas vontades é suprimir parte de sua identidade, que está sendo construída como uma forma de resistência a toda realidade do meio onde está inserida.

Raquel usa a literatura como registro escrito de sua vida e das interações com os personagens da bolsa, numa busca por construir a si mesma. Para comprovar essa afirmação, faz-se necessário expor o que Carvalho *et.al.* (2025, p. 13) discorrem sobre a literatura: “não é apenas um meio de entretenimento ou um registro de experiências humanas; é também uma força transformadora, que molda a maneira como as sociedades veem a si mesmas e ao outro”.

De acordo com Vygotsky (1988, *apud* Oliveira, 2022), o homem é um ser sócio-histórico e, por isso, sua identidade é formada por meio das interações e experiência vivenciadas com o outro, com o meio e a cultura em que está inserido. Dentro dessa relação entre literatura e identidade individual, Carvalho *et.al.* (2025) apontam que aquela desempenha papel fundamental no processo de autodescoberta, e que o leitor ou ouvinte criam oportunidades únicas de reflexão sobre suas identidades e experiências. Mais do que isso, a literatura serve como um meio de explorar questões de construção da identidade em culturas de opressão e marginalização.

Retomando ao que Bauman (2005) afirma sobre as identidades, considera-se que o indivíduo está por quase todo o tempo deslocado (total ou parcialmente), sempre em busca de novas identidades, evidenciando as que mais lhe agradam e suprimindo as que menos lhe representam; assim como Raquel, escondendo as identidades em sua *bolsa amarela* e lançando mão delas quando for mais conveniente, seguindo as experiências vivenciadas em cada fase de sua infância.

A Sociologia defende que o sujeito é formado a partir das interações sociais, subjetivamente adquirido no meio. Na era Moderna, surgem diversas teorias sobre a construção da identidade. Freud (1899), por exemplo, emerge com a descoberta do inconsciente e, segundo ele, as identidades seguem uma lógica muito diferente da razão, demonstrando que o sujeito não possui uma identidade fixa e unificada (Hall, 2003).

Jacques Lacan (1932, *apud* Hall, 2003) além da teoria da *fase do espelho*, defende a teoria da formação do eu no olhar do outro. O teórico propõe que, na infância, o olhar do outro interfere na relação simbólica; ou seja, é no momento de contato com os sistemas de representação simbólica no mundo social que a criança constituirá seu próprio sistema; entretanto, os sistemas de língua, cultura e diferença sexual estão fora dela e irão formar o inconsciente do sujeito. Portanto, comprehende-se que a identidade é formada com o tempo, através de processos inconscientes e que não estão presentes no indivíduo ao nascer (ela estará sempre em processo de formação e será sempre incompleta).

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de incerteza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a identidade e construindo biografias que tecem as

diferentes partes de nossos “eus” divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (Hall, 2003, p. 39).

O fato é que o avanço da Modernidade e seus adventos tecnológicos contribuíram para o abandono da identidade fixa e estável apontada pelo Iluminismo, resultando em identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas do sujeito pós-moderno. O homem pós-moderno destaca-se pela dificuldade de se identificar com o meio, ou seja, as classes sociais não determinam de forma efetiva os interesses e as identidades pessoais (Bauman, 2005).

Hall (2003) acrescenta que há uma perda no sentido de si. O sujeito não possui mais uma identidade fixa, essencial e permanente, e, “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (2003, p. 13).

Raquel tem muitos traços dessa identidade fragmentada e inacabada, uma vez que guarda seus desejos e vontades em sua bolsa amarela, vivendo e criando, por meio das histórias e personagens que mesclam realidade e fantasia, indivíduos que transitam em diversas identidades, diversos eus. O Galo Rei, por exemplo, demonstra que não quer representar a identidade definida e passada de geração a geração para ele, que também quer se esconder, mudar de identidade:

[...] Mas eu não era que nem meu avô, que nem meu bisavô, que nem meu tataravô era [...] Eu sei que seria muito mais fácil eu continuar pensando igualzinho a eles [...] Ah, eu... eu andei mês escondendo numa porção de lugares, mas... sabe? nenhum assim bom como a bolsa amarela.

– Por quê?

Ele não parava de olhar pra bolsa.

– Não chove, não tem vento, ninguém se lembra de procurar a gente aí...

[...] Tava na cara que o Rei queria um convite pra morar na bolsa amarela. Mas como é que ia ser? Eu carregava a bolsa pra tudo quanto é canto; quando as vontades engordavam ela ficava superpesada; com o Rei lá dentro eu não ia aguentar.

[...] Eu sou um cara igual, gosto de sossego, sou um sujeito muito simples: esse nome não combina comigo. [...] Você se importa se eu pego aí no bolso sanfona um outro nome pra mim?

[...] Claro, pode pegar.

Mais que depressa ele sumiu dentro da bolsa. Ficou lá dentro um tempão. Depois apareceu todo satisfeito:

– Peguei o Afonso. (Bojunga, 1993, p. 37-39).

Kaufmann (2004) argumenta que a identidade é uma construção social e individual, que se desenvolve através da interação com o mundo e com os outros. O autor destaca ainda a

importância da narrativa na construção da identidade. Nessa perspectiva, a forma como a pessoa conta sua história e se apresenta para os outros também influencia a identidade do outro.

Complementando o argumento de Kaufmann (2004), Bauman (2005) discorre que o indivíduo, em especial na fase da infância, está em busca de uma revelação de uma identidade a ser inventada, e não descoberta. Trata-se de uma busca por traços identitários novos, a partir das identidades enraizadas pelas características culturais e étnicas herdadas de seus ancestrais e das identidades com as quais terá contato nas interações sociais.

Um exemplo do que Kaufmann (2004) defende em sua obra, *A Invenção de Si*, é a narrativa sobre o Alfinete de Fralda. Raquel começa a contar a história dele, antes de continuar contando a dela. A narrativa apresenta os traços de uma identidade que é moldada pelas interações, mas que acaba sendo uma história breve, devido à falta de interação. A narrativa tem início da seguinte forma:

Um dia eu ia passando e vi o Alfinete caído na rua. Peguei, limpei, desenferrujei, experimentei a pontinha dele no meu dedo, vi que ela era afiada toda vida:

– Puxa!

E ela começou a riscar na minha mão tudo que o Alfinete queria dizer:

– Me guarda? Já não aguento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: “pronto! vão achar que eu não sirvo mais pra nada” [...] eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que sirvo sim; mas nunca acontece nada.

[...] – Não aconteceu mais nada na tua vida?

– Não.

– Que história curtinha que você tem.

– Pois é.

– Você não queria ter uma história mais comprida?

– Eu não! Esse pouquinho já deu tanto trabalho.

– Acha que assim chega, é?

– Acho que sim.

E então ficou chegando (Bojunga, 1993, p. 43-44).

Somente no fim da história é que o Alfinete se mostra útil. Será após muitas interações dentro da bolsa amarela que ele se reconhecerá, construirá sua identidade e desempenhará seu papel na sociedade. Raquel, por sua vez, apreende a identidade de Alfinete e o mantém por perto para ajudá-la com suas próximas vontades.

Tanta coisa estava sumindo no ar que eu nem sei o que é que eu pensei. Só sei que começou a chover, e quando fui fechar a bolsa amarela eu vi o Alfinete de Fralda.

Tirei ele pra fora. Mais que depressa a pontinha dele abriu e foi riscando a minha mão:

– Deixa eu ficar? Já tô tão habituado a morar na bolsa amarela. Eu não peso nada... E

é bom andar sempre comigo: de repente você tem outra vontade que começa a crescer demais e eu, pim! dou uma espetada nela. Deixa eu ficar?

- Deixo.
- Deixa mesmo?
- Deixo sim.
- Então deixa.

Botei ele de novo no bolso bebê e fui andando pra casa (Bojunga, 1993, p. 115).

Como já mencionado, a teoria sócio-histórica de Vygotsky (1988) também cita a interação social como importante ferramenta no desenvolvimento da identidade. Para o teórico, o “homem se constitui como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura” (Oliveira, 2022, p. 22).

Nessa perspectiva sócio-histórica apresentada por Vygotsky e outros teóricos, a escola se mostra como um ambiente de interação social importante para a construção de uma identidade, pois é lá que o indivíduo aprende a ler e a escrever. Dentro do ambiente escolar, a criança tem a experiência completa do conviver com o outro, desenvolvendo assim o conhecimento, a cultura e a aprendizagem, que configuram traços importantes para a construção de sua identidade (Oliveira, 2022).

Outro trecho importante e que trata exatamente dessa relação entre escola e construção da identidade é quando Raquel relata sobre como o guarda-chuva surgiu:

Saí da escola apavorada com o peso da bolsa amarela. Tinha Afonso, tinha vontade, tinha nome, tinha livro, tinha caderno, tinha tudo lá dentro. E tinha também o seguinte: A professora mandou a gente fazer uma redação. Assunto: “O presente que eu queria ganhar”. Escrevi que eu queria um guarda-chuva [...] Quando eu tava no melhor da história, tocou a campainha, a aula acabou, a redação não estava pronta, eu quis escrever o resto da história, a professora não deixou, recolheu o caderno, a turma foi saindo, a história ficou sem fim, e aí pronto: a vontade de continuar escrevendo apertou, desatou a engordar, engordou tanto que eu mal aguentava carregar a bolsa amarela. [...] o Afonso botou a máscara e saiu da bolsa: [...] Mas achei um guarda-chuva. Estava perdido. Fiquei muito contente porque eu andava querendo te dar um presente. Toma. [...]

Mal ele me deu o guarda-chuva, pulou pra bolsa, botou a cabeça pra fora, e começou a me contar tudo que o guarda-chuva tinha contado pra ele. [...]

Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica – que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que elas tinham nascido – perguntou:

– Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher?

E ele respondeu: mulher.

[...] Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar. Quando a Guarda-chuva viu que o homem estava fazendo o cabo comprido, pediu:

– Ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda.

O homem se espantou:

– E se mais tarde você cismar de crescer?

– Não sei pra que: ser pequena é uma curtição.

Mas ele ficou cismado:

– Às vezes a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo do sujeito que adora mudar tudo. Um dia ele muda você e pronto: você enjoa de ser pequena e vai querer crescer (Bojunga, 1993, p. 48-49).

Ainda que Vygotsky e tantos outros teóricos apresentem a escola como o principal ambiente interacional da fase infantil, a criança tem contato com a literatura muito antes de estar em uma instituição educacional. A atividade de contação de histórias e cantigas, presente em muitas culturas ágrafas, fornecem, desde a primeira infância, elementos literários que irão contribuir para o desenvolvimento de uma identidade nacional, cultural e as primeiras considerações sobre o mundo à sua volta (Carvalho, 2014).

É significativo destacar que a literatura oral, em determinados momentos, pode se apresentar de forma ainda mais expressiva, e, segundo Carvalho (2014, p. 315), é capaz de “penetrar nos corações e atuar na memória”, influenciando na construção de identidades. “As sociedades que sustentam a tradição oral (ágrafas ou não) sempre promoveram recursos para guardar e preservar o legado cultural dos ancestrais pela via afetivo-cognitiva”, e a literatura se apresenta como uma ferramenta indispensável para que essa memória seja experimentada e reexperimentada, contribuindo para a construção e a elaboração das identidades de seus descendentes.

A cada evento novo, a bolsa amarela vai ficando mais pesada e cheia de histórias, vontades, desejos, identidades, e é por meio dessas narrativas que a identidade da personagem Raquel vai sendo construída e contribuindo para a construção de identidade dos seus leitores.

Segundo Carvalho (2009, p. 1), “é indiscutível a importância da leitura no processo de construção do sujeito, uma vez que, para a sua participação ativa na sociedade, o ato/hábito de ler está intrínseco a todas as suas atuações, independente de elas serem objetivas ou subjetivas”. O contato com a literatura é fundamental para a construção das identidades, visto que é por meio dela que acontece a humanização do sujeito, a partir da construção da subjetividade e do reconhecimento da sua importância dentro da sociedade, como representante de uma identidade coletiva (Carvalho, 2009).

Em comunidades ágrafas e não letradas não é diferente: a literatura está presente, ainda que a escrita não seja uma forma dominante de registro e de transmissão de conhecimentos e cultura. Destaca-se a literatura oral – mitos, lendas, cantigas, entre outras expressões –, que

guarda a memória coletiva, os valores e as opiniões de um grupo social. Essas narrativas são compartilhadas e vivenciadas, formando ou evoluindo identidades individuais.

A obra de Lygia Bojunga pode ser considerada uma excelente ferramenta de auxílio para a construção da identidade, uma vez que a narrativa apresenta uma grande variedade de histórias e personagens que carregam traços reais e imaginários. Como afirma Antônio Cândido (1967, *apud* Carvalho 2009, p. 1), “é inegável a ligação entre a vida social e a arte, já que a atividade artística estimula a diferenciação entre os grupos, além de o contato com o local ampliar o entendimento do universal”.

Barone (2007, p. 112) aponta que “a leitura, sua aprendizagem e mesmo suas dificuldades, não poderiam ser dissociadas do sujeito, isto é: das experiências, da história de vida, do gosto e do desejo do leitor”. Nessa perspectiva, comprehende-se a relevância de histórias, lendas, mitos, fábulas, contos, entre outras manifestações literárias da cultura, com importante efeito na construção e reconstrução de identidades e realidades do sujeito.

Na sociedade do mundo atual, devido à rapidez da informação e aos avanços da tecnologia, a leitura, em muitos momentos, é colocada em um segundo plano; entretanto, ainda que seja uma coadjuvante, há de se considerar a subjetividade do leitor como uma forma de ler o mundo e de construir sua identidade (Carvalho, 2009).

Bauman (2005, p. 31) complementa que a internet é um simulacro da comunidade e, de certa forma, não deixa de ser – assinala-se que isso não é um substituto “válido de ‘sentar-se a uma mesa, olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa real’; tampouco podem essas ‘comunidades virtuais’ dar substância à identidade pessoal – a razão básica para procurá-las”. Entretanto, a internet tem apresentado um meio de interação também literária (por meio de blogs de leitura, filmes baseados em obras literárias, redes sociais digitais com páginas destinadas à literatura etc.), que contribui para a formação das identidades dos sujeitos.

Torna-se necessário destacar a importância da história contada e de poesias lidas, que, como destaca Barone (2007), têm o poder de tocar partes da alma, transportando o leitor e/ou o ouvinte para um mundo fantástico, que poderá ser utilizado como referência para a elaboração de sentimentos e experiências pessoais.

Ainda que *A Bolsa Amarela* tenha sido escrita em 1976, apresenta traços muito atuais e que podem auxiliar na construção da identidade de seus leitores, visto que apresenta uma diversidade de personagens que carregam características e identidades que apresentam o mundo ao leitor.

Apagaram a luz. Fiquei pensando na Casa dos Consertos. Todo o mundo dormiu, só pra mim é que o sono não chegava.

Antes, me dava uma aflição danada quando o pessoal todo dormia e só eu ficava acordada.

Pra me distrair do escuro eu ficava fazendo de conta que eu não era mais eu. Ia inventando como é que eu me chamava:

Reinaldo

Arnaldo

Aldo

Geraldo

Eu era um deles. Jogando futebol, trepando em árvore, soltando pipa, sendo escritor (quem sabe era melhor ser músico?), resolvendo sozinho, ninguém me dizendo:

– É pra homem.

– Por quê?

– Porque sim.

– Porque sim não explica nada. Me explica!

– Depois.

– Quando?

– Depois:

Pedro

Antônio

Pedro Antônio ou só Antônio

Pedro só.

Mas o depois demorava, demorava, quem diz que chegava? e eu continuava inventando:

Roberto

Alberto

Norberto

Gilberto

pra ver se acabava dormindo e a noite passando.

Mas isso era antes. Naquela noite fiquei pensando na Casa dos Consertos e não liguei a mínima de perder o sono. Pra ser franca, até que curti. E, por falar em curtição, puxa vida, como a mãe da Lorelai curtia ser mulher; e como a Lorelai curtia ser menina. Ela achava que ser menina era tão legal quanto ser garoto. Quem sabe era mesmo? Quem sabe eu podia ser que nem a Lorelai? Quando eu estava no melhor do pensamento, o Afonso me chamou baixinho: (Bojunga, 1993, p. 102-103).

O trecho acima apresenta ao leitor diversas identidades, vontades, gostos e retoma a importância da literatura na construção da identidade. De acordo com Antonio Cândido (1967 *apud* Carvalho, 2009), a literatura não pode ser pensada sem considerá-la como a expressão da sociedade em que se insere, pois, de certo modo, esta representa a sociedade, e a sociedade pode ser transformada a partir desta. Cândido (1967, *apud* Carvalho, 2009) acrescenta que é um ciclo que acontece pela interseção entre os três elementos constituintes do sistema literário: autor, obra e público. Segundo ele,

A arte é um processo de comunicação inter-humana e todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um

comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito (Cândido, 1967; *apud* Carvalho, 2009, p. 2).

Silva (2022) expõe, em outras palavras, que ler é expandir o seu olhar sobre o mundo em cada página; no ato de ler, entram em atividade os sentidos do corpo, em um movimento de criação de ideias, de busca por conhecimento e construção da nossa própria identidade para responder aos questionamentos encontrados pelo caminho. “A obra literária, indubitavelmente, exerce a função de mediadora da vida do leitor, para que ele alcance sua identidade” (2022, p. 90).

Sartre (1993, *apud* Carvalho, 2009, p. 2) complementa que o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam e que “a literatura não pode ser desvinculada da sociedade na qual se insere, uma vez que a obra se historifica, passa a fazer parte de um patrimônio social, da memória coletiva de um povo”.

Trata-se de ler e se colocar na história, no lugar do autor, analisando os personagens e se apropriando das identidades que lhe forem mais confortáveis. Por meio da literatura, a criança busca sentido para a própria existência, elabora significados sobre o mundo real, considera o teor moral das narrativas e, assim, constrói sua(s) identidade(s).

3 Considerações finais

A nota de orelha do livro de Lygia Bojunga (1993) oferece aos seus leitores exatamente o que o livro traz: “Ao mesmo tempo que sucedem episódios reais e fantásticos, uma aventura espiritual se processa, e a menina segue rumo à afirmação como pessoa”.

Raquel é essa menina, que mescla eventos reais e imaginários em busca de construir o seu eu, de buscar referências que componham sua identidade. Após vivenciar momentos de incertezas sobre suas vontades e reprimi-las pelo fato de não ser aceita por sua família e pela sociedade, a menina tem seus conflitos interiores resolvidos e assimilados, e, aos poucos, suas vontades vão diminuindo, até que aceita tomar para si as identidades sociais que a caracterizavam, que são: ser uma criança, uma mulher e uma escritora.

A bolsa amarela representa, metaforicamente, o mundo interior de Raquel, sendo nela que a menina coloca suas vontades e desejos e os acessa para processar os acontecimentos de sua vida. Até a cor da bolsa demonstra a volubilidade desse mundo: “[...] não era um amarelo sempre igual: às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha

desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato" (Bojunga, 1993, p. 27).

Nessa perspectiva, e corroborando com o que os teóricos apresentam sobre a construção da identidade na pós-modernidade, existem diversas possibilidades de essas identidades serem construídas e reformuladas. As identidades não são mais fixas e podem ser modificadas a partir das experiências vivenciadas.

A literatura (especialmente a infantojuvenil) desempenha papel fundamental nesse processo de construção da identidade, considerando-se que a palavra está presente em toda a trajetória de Raquel, assim como está presente na trajetória de qualquer indivíduo. Ainda que as tecnologias e mídias digitais estejam modificando o estilo de leitura, a palavra está presente em todo meio de comunicação.

Nesse sentido, é possível afirmar que a literatura infantojuvenil brasileira, aqui representada pelo livro *A Bolsa Amarela*, favorece a formação e a construção da identidade das nossas crianças e adolescentes, propiciando a ampliação de seus imaginários e possibilitando que estas passem para a maturidade com mais naturalidade, processando seus sentimentos, vontades e construindo sua(s) identidade(s), que, ainda que seja(m) multifacetada(s), é/são individualizada(s).

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela.** 22^a Ed. Rio de Janeiro: Editora AGIR, 1993.
- CARVALHO, Bernadete. A construção da subjetividade e da identidade pela leitura literária. In: **SILEL**, v. 1, 2009, Uberlândia. Anais [...] Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 1-4. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt08_artigo_1.pdf. Acesso em: 07 jul. 2025.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7^a edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de Si:** Uma Teoria da Identidade. 1^a ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- OLIVEIRA, Deborah Lima de. **A construção da identidade da criança na educação infantil.** 2022. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. 33f. Disponível em:

<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5527/1/TCC%20II%20-20FINAL.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SILVA, Marcel Franco da. Construção da identidade por meio da literatura. **Sapiens**, Carangola, MG, v. 4, n. 1, p. 87-100, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/download/6570/4273>. Acesso em: 07 jul. 2025.

Recebido em: **15/08/2025**

Aprovado em: **20/10/2025**

